

SÉRIE

■ EDUCAÇÃO
GERAL
■ EDUCAÇÃO
SUPERIOR
■ FORMAÇÃO
CONTINUADA
DO EDUCADOR

São as modificações nas instituições escolares e nas práticas pedagógicas que constituem o cerne deste livro.

Os processos educativos tornam-se evidentemente elucidativos das transformações sociais em momentos de mudanças de regimes políticos, pois estão estreitamente relacionados às formas de conceber o novo, o diferente, os propósitos da nova forma de governo. São momentos em que a sociedade se debruça sobre o seu futuro, reflete sobre suas aspirações e metas, planeja e reorganiza seu porvir. Que maneiras de viver, diferentes das anteriores, se busca na nova forma do regime político que se estabelece? Como construir o novo?

Assim os autores através de suas pesquisas, buscam compreender a relação histórica estabelecida entre a sociedade e os processos educativos. Investigam a forma como se organizam as instituições escolares; os objetivos educacionais que se pretende alcançar na escolarização da população; os métodos e práticas de ensino; a formação e o exercício do magistério.

UFRN
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

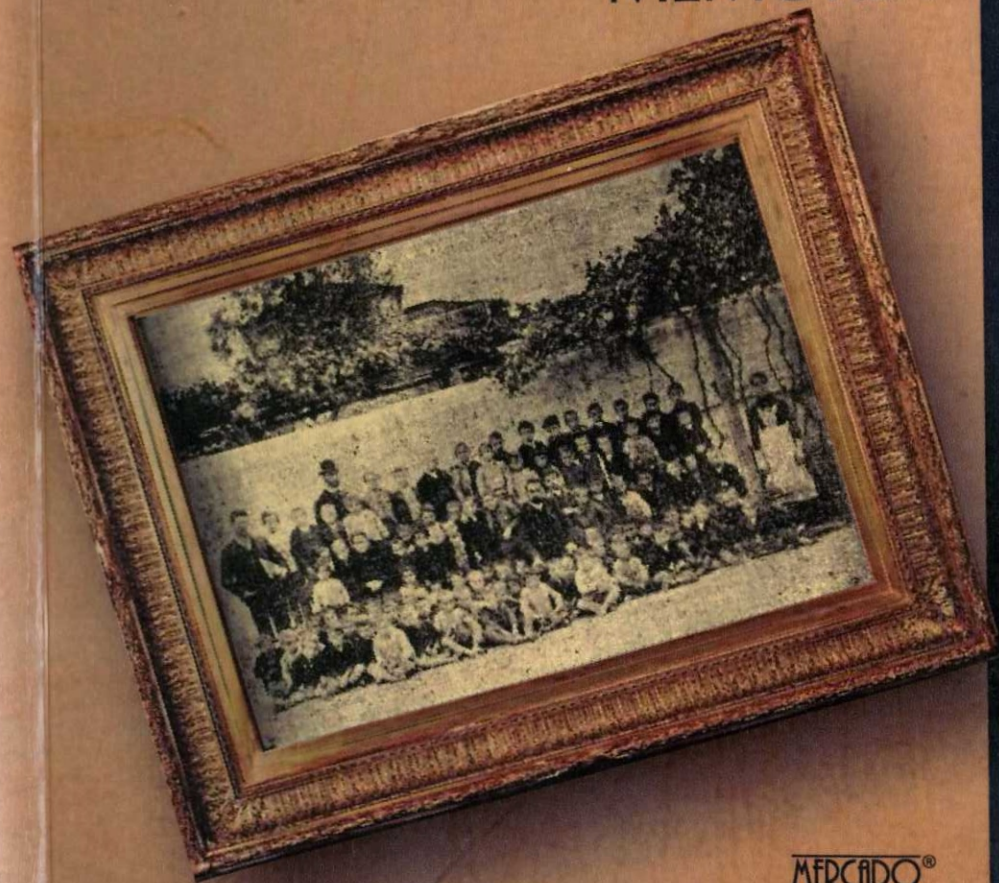
CE CENTRO DE
EDUCAÇÃO

PPGE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

ML

Maria Inês Sucupira Stamatto
Olívia Morais de Medeiros Neta
(organizadoras)

PRÁTICAS EDUCATIVAS, FORMAÇÃO E MEMÓRIA



MERCADO[®]
LETRAS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Práticas educativas, formação e memória / Maria Inês Sucupira Stamatto, Olívia Morais de Medeiros Neta, (organizadoras). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2015. – (Série Educação Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador)

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-367-3

1. Educação – História 2. Pedagogia 3. Prática de ensino 4. Professores – Formação I. Stamatto, Maria Inês Sucupira. II. Medeiros Neta, Olívia Morais de. III. Série.

15-10489

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Docentes : Formação : Educação 370.71
2. Formação docente : Educação 370.71

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

Foto da capa: Classe masculina da Escola do Torne, em 1892. Reprod. de *Egreja Lusitana*, 403, 19-07-1916. Imagem cedida gentilmente por José Antônio Afonso.

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

DEZEMBRO/2015

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

*Aos sujeitos
dessas histórias*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 9

capítulo 1

A ESCOLA DO TORNE (VILA NOVA DE GAIA,
PORTUGAL, 1883-1922): AS FESTAS COMO
PRÁTICAS EDUCATIVAS 15

José António Afonso e

António Manuel S. P. Silva

capítulo 2

A LEITURA E A ESCRITA NO ESPAÇO ESCOLAR
NORTE-RIO-GRANDENSE (1910-1940) 63

Maria Arisnete Câmara de Moraes,

Francinaide de Lima Silva,

Janaina Silva de Moraes e

Karoline Louise Silva da Costa

capítulo 3

O RIO GRANDE DO NORTE E A ESCOLA
PÚBLICA REPUBLICANA (1889-1930) 87

Marlúcia Menezes de Paiva e

Olívia Moraes de Medeiros Neta

capítulo 4	
CAMPO MÉDICO E SANITARISMO: POSSIBILIDADES EDUCATIVAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX EM SÃO LUÍS – MA	103
<i>Kilza Fernanda Moreira de Viveiros</i>	
capítulo 5	
A PRESENÇA DO HIGIENISMO NA EDUCAÇÃO POTIGUAR: A PERSPECTIVA EDUCACIONAL DE NESTOR DOS SANTOS LIMA (1921-1927)	121
<i>Antônio Basílio Novaes Thomaz de Menezes</i>	
capítulo 6	
IDEAL MARIANO, CELIBATO PEDAGÓGICO E DOCÊNCIA	147
<i>Iran de Maria Leitão Nunes</i>	
capítulo 7	
DA JANELA À RUA: A ESCOLARIZAÇÃO FEMININA	167
<i>Maria Inês Sucupira Stamatto</i>	
capítulo 8	
CONGRESSOS PEDAGÓGICOS COMO PRÁTICA EDUCATIVA (SÃO LUÍS – MA, 1920)	187
<i>Rosângela Silva Oliveira</i>	
capítulo 9	
A VIAGEM COMO ESTRATÉGIA FORMATIVA DO PESQUISADOR EM EDUCAÇÃO	207
<i>Rossana Kess Brito de Souza Pinheiro e Walter Pinheiro Barbosa Junior</i>	
capítulo 10	
FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: DA PRÁTICA PEDAGÓGICA AO PENSAMENTO POLÍTICO	221
<i>Luércio Araújo de Sá Júnior</i>	
SOBRE OS AUTORES	233

APRESENTAÇÃO

O conjunto de textos que ora apresentamos advém de pesquisas e debates realizados internamente em nossa Linha de Pesquisa História da educação, práticas socioeducativas e usos da linguagem do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGEd-UFRN e em interface com outros grupos de pesquisa no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, em Maranhão e em Portugal.

A partir de finais do século XIX, José Antônio Afonso e Antônio Manuel S. P. Silva lembram-nos que um conjunto de novos recursos pedagógicos generalizou-se, tais como, gramofone, Lanterna Mágica, cinematógrafo, quadros coloridos, como também passeios ou excursões pedagógicas e festas. Multiplicaram-se igualmente as conferências de âmbito diverso no espaço escolar e na imprensa. São estas modificações nas instituições escolares e nas práticas pedagógicas que constituem o cerne deste livro.

Como foco de nossas pesquisas, buscamos compreender a relação histórica estabelecida entre a sociedade e os processos educativos. Investigamos a forma como se organizam as instituições escolares; os objetivos educacionais que se pretende alcançar na escolarização da população; os métodos e práticas de ensino; a formação e o exercício do magistério.

capítulo 1

A ESCOLA DO TORNE (VILA NOVA DE GAIA, PORTUGAL, 1883-1922): AS FESTAS COMO PRÁTICAS EDUCATIVAS¹

*José António Afonso
António Manuel S. P. Silva*

Diogo Cassels e a Escola do Torne

A Escola do Torne constitui uma referência incontornável na história do ensino em Vila Nova de Gaia e na região portuense, quer pela marcante acção educativa exercida ao longo de mais de um século, quer pelo particular carisma do seu fundador e animador durante mais de cinquenta anos, Diogo Cassels.

James Cassels (1844-1923), que depois adoptou o nome português de Diogo, nasceu no seio de uma família inglesa radicada em Portugal. Natural do Porto, devotou-se desde jovem a uma intensa e corajosa actividade de carácter religioso, educativo e assistencial, que teve os seus principais marcos, no que se refere

1. Texto escrito em ortografia de Portugal.

à instrução, na fundação das Escolas do Torne (1868) e do Prado (1901). Para além do reconhecimento da comunidade local, em 1908 foi condecorado pelo Governo como Benemérito da Instrução e em 1922 recebeu a Comenda da Ordem de Cristo.²

A história dos primeiros anos da Escola do Torne é algo obscura. O ano de 1868, assumido convencionalmente como data fundacional da escola, respeita essencialmente à construção do primeiro edifício – que como os restantes do futuro “complexo” do Torne, seria erguido maioritariamente a expensas de Diogo Cassels (Figura 1) – destinado a capela para o culto evangélico, aliás, a primeira construída no País e destinada a portugueses.³

Figura 1: O complexo do Torne na actualidade⁴



Pelo Outono desse mesmo ano, Cassels alimentava já o desejo de “construir uma escola e salas de classe” (Aspey 1971, p. 60) anexas à capela, mas não podendo avançar logo com este projecto, contrata um jovem professor, que refere numa correspondência:

O Sr. Bento já começou a escola diária. Ele é um professor competente tanto para a instrução religiosa como para a secular. (...) As crianças que frequentam a escola diária pagam 10 réis por semana e eu pago o resto. (Aspey 1971, pp. 60-61).

As aulas teriam lugar na residência de Diogo Cassels ou eventualmente numa casa arrendada para o efeito. A actividade escolar continuou nos anos seguintes, parecendo alargar-se à

2. Para uma biografia minuciosa de Diogo Cassels v. Peixoto 2001, 2005.

3. A componente religiosa da acção de Diogo Cassels não é a matéria do presente texto. Recorde-se todavia que o seu trabalho se enquadra num expressivo movimento de reforma religiosa, apoiado pelos esforços missionários de sociedades protestantes estrangeiras, que implantou em Portugal, ao longo do século XIX, denominações de matriz metodista, presbiteriana e evangélicas de carácter independente; dando também origem, num processo paralelo mas marcado por características específicas, a uma igreja nacional de inspiração episcopal, a Igreja Lusitana, actualmente integrada na Comunhão Anglicana. A acção evangelística de Diogo Cassels teve durante alguns anos enorajamento e apoio de uma sociedade metodista britânica, mas em 1880, Cassels e a comunidade que reunira na Capela do Torne aderiram de pronto à recém formada Igreja Lusitana. A este propósito vejam-se, por exemplo, Cassels 1906, Figueiredo 1910, Moreira 1949, 1958 e, entre os Autores modernos, Guichard 1990, Silva 1995a, Cardoso 1998 e Santos 2002.

4. O edifício em primeiro plano serviu de capela entre 1868 e 1894, sendo usado depois como sala da escola até 1989; o corpo lateral de dois pisos, que se vê em segundo plano, corresponde às salas de aula construídas entre 1872 e 1875.

alfabetização de adultos, segundo uma notícia de 1871 (Aspey 1971, p. 108). Em 1872, a construção da primeira sala de aulas, anexa à capela do Torne, destinada a uma classe feminina, e a contratação de uma professora marcam formalmente o início do trabalho educativo naquele lugar, sendo esta data referida mais tarde por Cassels precisamente como a da fundação da Escola do Torne. Entretanto, parece que as aulas da classe masculina e aula nocturna para adultos prosseguiram numa casa alugada, à Lavandeira, com Manuel dos Santos Carvalho como professor (*Idem*, p. 138), até à edificação de uma nova sala de aulas no Torne. A centralização da actividade educativa naquele complexo dar-se-ia alguns anos mais tarde e concluiu-se em 1894, data em que a construção de um novo templo permitiu afectar a funções escolares a capela primitiva,⁵ cuja fachada de empena triangular, ladeada pela torre do relógio, ficou desde então como emblema icónico da Escola do Torne (Fig. 6).

Não é nosso propósito de momento desenvolver os fundamentos pedagógicos e a dinâmica da prática educativa que Diogo Cassels promoveu na Escola do Torne, nem tão pouco os agentes que lhe deram corpo ou os aspectos estatísticos da instituição, temas aliás já tratados.⁶ Todavia, importa traçar uma breve panorâmica da Escola, nas suas múltiplas componentes, para a seu tempo se entender o papel da *feira escolar* como um

5. Uma tradição conservada entre a comunidade religiosa do Torne mantinha que a capela primitiva teria sido, durante os primeiros anos da escola, usada simultaneamente para o culto, nos domingos e ocasiões próprias, e como sala de aula durante a semana, como um de nós afirmou em trabalho anterior (Silva 1995b). Todavia, a informação documental disponível não permite, com segurança, sustentar esta possibilidade, o que não obsta a que a capela não tenha sido utilizada, pontualmente, para actividades extraordinárias da escola, como sucedeu por exemplo com a Festa Escolar do ano de 1892, que decorreu na capela por falta de espaço nas salas De Aula.

6. Afonso 2000, 2001a, 2001b, 2004, 2009; Afonso e Lacerda 1995; 1996; Afonso, Lacerda e Silva 2001; Afonso, Silva e Lacerda 2004; Peixoto 2001.

dos dispositivos de integração/difusão usados pela estratégia da instituição na sua interacção com o meio social.

Para uma sumária caracterização da escola no que se refere à comunidade educativa, bastarão dois breves retratos relativos aos anos-limite do nosso ensaio, 1883 e 1922, o primeiro correspondente à data mais antiga para a qual possuímos dados quantitativos claros (e também informações substanciais sobre a Festa Escolar); o segundo, relativo à última festa analisada, já que no ano subsequente, data do falecimento de Diogo Cassels, esta acção foi, compreensivelmente, suspensa.

No ano de 1883, segundo o respectivo relatório,⁷

[...] as escolas diárias são frequentadas por 51 meninos e 66 meninas, dez dos quais fizeram este ano exame de instrução elementar, sendo todos aprovados e dois [...] classificados como distintos. Uns 10 estão-se preparando para os exames de admissão no Liceu Central do Porto, e ainda outros para os exames elementares nos Paços do Concelho. Este ano foi aberta uma Escola Infantil para crianças de ambos os sexos de menos de seis anos de idade, na qual 36 alunos se acham matriculados. A Escola nocturna foi este ano muito concorrida.

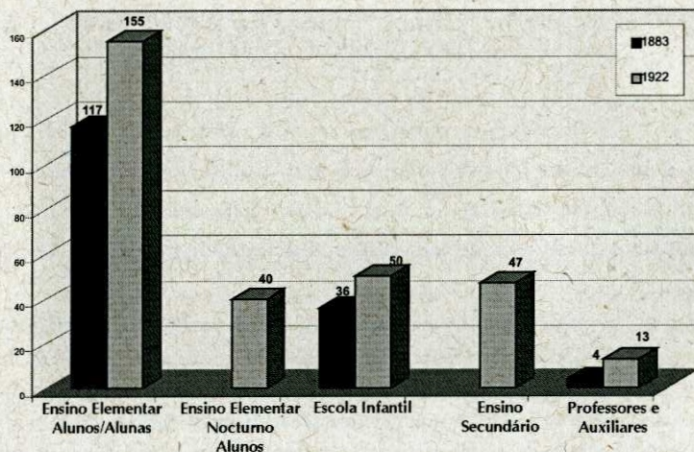
O documento identifica os três professores das escolas e a mestra da Escola Infantil, sendo que um dos professores se encarregava também de uma “classe para estudo de música”. Informa ainda que as aulas diárias decorriam das 9 às 12 horas,

7. Uma vez que as fontes principais usadas neste trabalho são constituídas pelos *Relatórios* anuais da *Egreja Lusitana*, devidamente listados no final, omitiremos a repetição das respectivas referências, salvo casos pontuais, sendo os *Relatórios* identificados apenas pela sigla *REL* e o respectivo ano e página. Do mesmo modo se procede em relação aos periódicos, de acordo com a lista de abreviaturas final. De uma forma geral, nas citações dos jornais não se indicarão as páginas, dado que a curta extensão dos periódicos torna fácil a localização de qualquer referência.

retomando-se às 13 para acabar às 16 horas, excepto Quintas-feiras. As aulas nocturnas para adultos, nos meses de Inverno, tinham lugar “ao anoitecer”.

Passadas quatro décadas, em 1922, a população e a oferta escolar tinham-se desenvolvido extraordinariamente (Gráfico I). Havia então 50 alunos na Aula Infantil, 155 alunos nas cinco classes de Instrução Primária e 40 alunos na aula nocturna de Instrução Elementar, para além de aulas de Lavoires, Moral e Noções de História Universal, Ginástica, Francês e Português (16 alunos), Escrituração (18 alunos), Inglês (6 alunos), Francês nocturno (5 alunos) e Matemática. No total, a Escola tinha 290 alunos matriculados e um corpo docente de 11 professores e dois auxiliares. Na mesma altura, uma estatística publicada registava que desde 1883 tinham sido aprovados em exames públicos dos diferentes graus de ensino um total de 2665 alunos, incluindo 14 em exames do Magistério Primário, uma boa parte dos quais se tornaram eles próprios professores na escola que os formara (EL, 518, 11-11-1922).

Gráfico I: Alunos e professores na Escola do Torne em 1883 e 1922



Fontes indicadas no texto.

Uma das características notáveis desta escola, e que certamente marcava assinalável diferença com outras propostas educativas coevas, foi a extraordinária diversidade da oferta escolar e cultural. Se os primeiros esforços de Cassels se concentraram num trabalho de alfabetização elementar, considerando a literacia como condição essencial para a promoção social e cultural e para o exercício informado do livre arbítrio em matéria religiosa e noutras, isto é, associando a alfabetização à evangelização, desde muito cedo, a visão e sensibilidade de Diogo Cassels o levaram à multiplicação de estratégias educativas, direccionadas a diferentes públicos (Afonso, Silva e Lacerda, no prelo).

Assim, para os mais pequenos foi criada a Aula Infantil, pela qual se pretendia “entreter creanças ou como vulgarmente se diz *tira-las da rua*” e ministrar “princípios rudimentares de leitura – *saber lêr rasoavelmente* ou *saber lêr alguma coisa*” (REL 1895-1896, p. 71); e desde muito cedo dinamizaram-se também aulas nocturnas destinadas a trabalhadores. Rapidamente o ensino se alargou a diferentes disciplinas de instrução secundária, como se vê pelo relatório de 1922, ministrando-se até Cursos Comerciais e de Artes e Ofícios

A partir de finais do século XIX, um conjunto de novos recursos pedagógicos generaliza-se: Gramofone, Violino, Lanterna Mágica, Cinematógrafo, Coleções de Vistas, Quadros Coloridos, Lições de Microscópio,⁸ como também passeios ou excursões pedagógicas, a Festa da Árvore e visitas a hospitais, asilos e famílias necessitadas. Criou-se também um “Gabinete de Leitura”, equipado com uma pequena biblioteca e “as folhas diárias das diversas parcialidades políticas” (REL 1887, p. 23),⁹ multiplicando-se as conferências de âmbito diverso (“patrióticas, históricas, instrutivas”) que regularmente se faziam no espaço escolar e que,

8. Conferir o testamento de Diogo Cassels (Peixoto 2001, pp. 321-54).

9. Ver também *A Reforma*, nº 4 (28-01-1888).

abrindo a escola a diversas personalidades, tonificavam o ensino com uma vertente muito prática e de grande actualidade.

O jornal *Egreja Lusitana*, publicado por Diogo Cassels entre 1894 e 1923, constituiu-se como principal veículo informativo, fazendo a ponte entre a instituição escolar e a religiosa a que estava associada e abrindo ambas a uma alargada rede de benfeitores e outros interessados no projecto do Torne (SILVA, 1995c). Para o acompanhamento, num plano educativo mais amplo, de adolescentes e jovens, dinamizaram-se associações como a Liga de Esforço Cristão e o Grémio da Juventude Evangélica; outros organismos abriam a comunidade religiosa/escolar à sociedade, como a associação mutualista do “Banco dos Artistas”, uma Sociedade Evangélica de Socorros Mútuos, a oferta da Sopa Económica, a criação de um Fundo dos Pobres, a construção de um bairro de habitação social etc. Todos estes dispositivos criados por Diogo Cassels amplificaram extraordinariamente o peso e reflexo da Escola do Torne no tecido social envolvente, e neste quadro se deve entender, desde já, o significado das festas escolares como um instrumento fundamental neste processo de socialização da escola e educação da sociedade envolvente nos princípios morais, de rigor e busca de excelência que constituíam o cerne do projecto pedagógico do Torne.

A Festa Escolar enquanto objecto; as fontes

No seguimento de um conjunto de investigações que temos vindo a realizar em torno da Escola do Torne,¹⁰ voltámo-nos agora de modo particular para a Festa Escolar para Distribuição de Prémios aos Alunos, tema que já justificara algumas incursões (Afonso e Lacerda 1995) mas que agora se analisa com maior detalhe.

10. *Vd. supra*, nota 5.

A selecção desta actividade da Escola do Torne resulta, antes de mais, da existência de uma série bastante completa de notícias, publicadas quer nos relatórios anuais da Igreja Lusitana, quer no jornal *Egreja Lusitana* e noutras publicações (Afonso, Silva e Peixoto, no prelo), que cobrem o período entre 1883 e a última festa antes da morte de Diogo Cassels, realizada em 1922 (Quadro I). Naturalmente, o carácter sistemático destas narrativas não é accidental, como se verá, mas traduz desde logo a grande importância que este evento assumia na vida da instituição.

Deste modo, a partir das descrições dessas 40 festas escolares, pretendemos testar aquele evento como manifestação da *cultura escolar* (Bencostta 2007) que se foi desenvolvendo no Torne, tendo presentes quatro eixos que eventualmente poderiam reflectir-se nesse momento único do ano escolar.

O primeiro eixo foi, justamente, o de averiguar em que medida a festa corresponderia ao apogeu dum ciclo de estudos, ou seja à visibilização de indicadores objectivos (os prémios) do sucesso escolar. A segunda linha tentou observar o evento como dispositivo fundamental de interacção da escola com o meio social, tecendo laços com a comunidade envolvente que poderiam reflectir uma estratégia urdida pelo criador da escola, Diogo Cassels, com o sentido de comprometer, de certo modo, um colectivo mais vasto no seu projecto pedagógico. O terceiro eixo encarou a festa num domínio ainda muito desconhecido e que se prende com as práticas pedagógicas da escola, tentando aferir os ritmos ou ciclos de maior inovação ou, porventura, de um certo abrandamento da dinâmica interna da instituição. Por fim, enquadrando as anteriores perspectivas, tentámos analisar a festa escolar enquanto representação mais ou menos fiel do quotidiano escolar ou, num plano simétrico, representação mais ou menos fidedigna da imagem que a Escola do Torne construíra no meio social envolvente, que aliás se fazia representar no evento ao mais alto nível político-administrativo.

Como foi dito, utilizámos como fontes primárias os relatórios anuais da Igreja Lusitana, sobretudo para o período até 1897, e desse ano até 1922 o jornal *Egreja Lusitana*, recorrendo subsidiariamente, de forma pontual, a outra imprensa protestante e à imprensa local coeva (Quadro I).

As detalhadas descrições das festas escolares nos relatórios e no *Egreja Lusitana* oferecem, como se disse, uma série narrativa bastante completa daquele evento. No entanto, regista-se uma singularidade notável e de obrigatória consideração na crítica da fonte: quase todas as notícias correspondem à transcrição dos relatos que os jornais diários da cidade, como *O Commercio do Porto* e o *Jornal de Noticias*, faziam das festas. O próprio Diogo Cassels, seja nos relatórios, seja como redactor do *Egreja Lusitana*, explicita a origem da transcrição, mencionando até usualmente a data da publicação. Assim, em devido rigor, deveríamos considerar antes como fontes primárias as narrativas daqueles jornais diários. Ou talvez não.

Na verdade, a estrutura expositiva dos textos que descrevem a festa e, em muitos casos, até as expressões ou a adjectivação usada configuram uma extraordinária identidade estilística nas notícias do evento, quer ao longo do tempo (se bem que pareçam detectar-se certos “ciclos narrativos” de maior similitude formal), quer mesmo com independência em relação aos diferentes jornais considerados. Por outro lado, apesar do registo cuidadoso e sistemático das personalidades que compunham a mesa das sessões, bem como de outras individualidades presentes nas festas (autoridades, professores, militares e outras figuras de destaque social), só por uma vez é mencionada a assistência de elementos da imprensa: em 1887 diz-se que *O Commercio do Porto* “ali mandou um dos seus redactores”. De fonte paralela resulta uma informação sobre Zeferino Dias da Costa, que discursa na festa de 1897, identificado como “nosso colega de redacção” numa notícia do periódico gaiense *A Luz do Operário* (127, 09-01-1898).

Aliás, naquele ano de 1897 a notícia da festa escolar é publicada em vários órgãos da imprensa da Igreja Lusitana, transcrevendo jornais de informação geral (Quadro I). O *Egreja Lusitana* e o Relatório da Igreja transcrevem a notícia do jornal português *Voz Pública*; enquanto *O Evangelista*, de Lisboa, reproduz a narrativa d’*O Commercio do Porto*, sendo evidente a origem comum de ambos os textos. Já a descrição d’*A Luz do Operário*, provavelmente da pena de Zeferino Costa, inclui detalhes e até um alinhamento do programa significativamente diferentes das restantes notícias.

Desta verificação resulta a forte suspeita de que a origem da generalidade das notícias poderia ser o próprio Diogo Cassels, atendendo até ao estilo relativamente seco, estereotipado e moderado nos elogios à instituição. Ou seja, como Diogo Cassels enviava aos jornais da cidade o relatório de actividades da escola (que era sempre publicado após a notícia da festa, com a indicação da estatística dos alunos, número de aprovações em exames etc.), não é de estranhar que remetesse também um apontamento sobre o modo como a festa havia decorrido, pelo que cada jornal, independentemente de se ter feito representar no evento, faria apenas pequenos ajustes e adaptações ao *press release* recebido da Escola do Torne.

Assim, Diogo Cassels não só controlava a natureza da informação facultada à imprensa generalista (o que não seria talvez a sua principal intenção) como, ao reproduzi-la posteriormente no seu jornal e nos relatórios da instituição, credibilizava a própria crónica da sessão, transferindo para outrem o louvor e remetendo para si a lhaneza e a modéstia, como aliás justifica em 1887:

Podendo ser consideradas como suspeitas as palavras com que fizésemos a descrição dessa festa, fazemos nossa a notícia do primeiro jornal desta cidade, o *Commercio do Porto*, que ali mandou um dos seus redactores. (REL 1887, p. 20)

De forma pontual consultámos ainda outras publicações protestantes como *A Reforma*, *O Evangelista* e *A Luz e Verdade*, que noticiaram as festas escolares do Torne ora com autonomia jornalística, ora seguindo as reportagens que outros periódicos fizeram (Quadro I). *A Reforma*, transcreve o jornal *Actualidades* para a notícia da festa de 1884, reproduzindo *O Commercio do Porto* para as de 1885 e 1886, enquanto sobre as festas de 1887, 1888 e 1889 elabora pequenos relatos da lavra do redactor que pouca informação acrescentam à que colhemos noutras fontes. No que toca ao *Evangelista*, observa-se que segue o editado pelo *Commercio do Porto*, *O Jornal de Noticias* e a *Voz Pública* para as Festas de 1895, 1896 e 1899. *A Luz e Verdade* destaca-se fundamentalmente por proceder a descrições relativamente curtas do evento e totalmente produzidas no âmbito da sua Redacção, igualmente de pouco conteúdo para os nossos propósitos.

A partir das fontes indicadas, e para tentar captar as características das festas escolares do Torne ao longo daqueles 40 anos, ensaiámos uma análise estrutural pelo preenchimento de uma ficha para cada evento, na qual registámos, para além das datas e locais da festa, a constituição da mesa, o alinhamento do programa, com um particular destaque para as intervenções de oradores internos ou externos, outras actividades, prémios e demais elementos que vão desde a designação e motivo da festa até à decoração das salas onde decorria, exposições de trabalhos de alunos e outros aspectos. A posterior análise dos dados envolveu uma componente estatística, a relação nominal dos agentes identificados (salvo os alunos premiados, que não interessavam ao nosso propósito) e uma análise dos conteúdos discursivos, formais e informais.

As Festas Escolares no Torne: actores e representações

O mais antigo registo localizado sobre uma festa na Escola do Torne parece referir-se a uma festa natalícia, com distribuição de prendas, que teve lugar em 4 de Janeiro de 1882

“na casa do snr. Diogo Cassels, para as escolas do Torne [...], com profundo contentamento dos alunos brindados” (REF, tomo 5 (2), 19-01-1882), não se explicitando qualquer relação entre as prendas distribuídas e o sucesso escolar, o que constitui a marca fundamental das festas que se seguiram. Não obstante, as primeiras expressões desses momentos festivos remontam à década de 1870, consistindo basicamente num passeio até à casa de Diogo Cassels, ou à residência de individualidades gaienses como o Conde Silva Monteiro, e que culminava num lanche com momentos de convívio, onde se distribuíam prémios aos melhores alunos, nomeadamente exemplares de *O Amigo da Infância*.

O ano de 1883 parece assinalar um momento de formalização e de abertura de um novo ciclo na actividade da Escola, porventura associado à reestruturação do ensino decorrente de um novo quadro legal (Carvalho 1986). Na verdade, data desse ano o início da publicação de estatísticas sistemáticas da Escola e o próprio Cassels referiu-se a 1883, em escritos posteriores, como quase correspondendo à fundação da Escola, embora saibamos, por outras fontes, que a actividade lectiva remonta a 1868, como explicitámos.

Assim, sem prejuízo da realização de outras festas e eventos lúdico-recreativos, a autonomia da Festa Escolar dá-se em 1883, denominada como “Sessão Magna da Escola Diária”. A partir de então adopta diversas designações, como “Sessão Solene”, “Distribuição de Prémios”, “Festa Escolar” ou “Festa Escolar no dia de Natal”; mas com o seu objectivo já perfeitamente definido: “solenizar a distribuição de prémios aos alunos que mais se distinguiram no ano findo”. A partir de 1896, e com alguma frequência, acrescenta-se à notícia da distribuição de prémios que a Escola do Torne “é sustentada a expensas do snr. Diogo Cassels”, ou “é principalmente sustentada e dirigida pelo cidadão Diogo Cassels”, ou ainda “sustentada principalmente pelo snr. Diogo Cassels, velho professor diplomado de instrução primária e secundária e antigo negociante desta cidade”, como em 1916. Refira-se que em diversas festas a partir de 1912 foram os prémios aos estudantes do Torne atribuídos

conjuntamente com os dos alunos da Escola do Prado, outra escola criada em 1901 por Diogo Cassels, no lugar das Devesas, em Vila Nova de Gaia.

Para a legitimação institucional da Festa Escolar a definição do espaço onde se desenrolava foi decisivo. Se num primeiro momento as festas tinham muitas vezes lugar fora das paredes da escola, com a assunção da Festa Escolar, por autonomasia, o que passa a privilegiar-se é o próprio espaço do quotidiano escolar, a sala de aula. Desde 1883 definiram-se com clareza dois espaços: o local onde decorria a cerimónia e um outro onde se expunham trabalhos realizados pelos alunos da Escola. Desde 1883 até 1897, o espaço nobre da Festa foi a sala de aulas do sexo feminino, que a partir desta data passa a ser a sala de aulas dos rapazes. Um “amplo salão” – como com alguma frequência é adjectivado – que albergava todos os participantes e assistentes, à excepção do ano de 1892, em que não conseguiu receber todos os que acorreram ao evento, que foi transferido para a Capela, notando-se que “mesmo assim a enchente era completa, assistindo trezentas pessoas e retirando-se muitas por falta de lugar” (EVANG 2, 01-02-1893). Em 1894, com a construção do novo templo de S. João Evangelista, a antiga capela foi desafectada do culto e passou a ser utilizada como sala de aula, o que igualmente proporcionou à festa escolar um espaço mais amplo e adequado.¹¹

A decoração do espaço nobre da festa mereceu sempre nota de destaque nas notícias: bandeiras, verdes, flores, palmas e arbustos, mais raramente colchas de damasco, por vezes completados com mapas e quadros instrutivos que guarneciam as paredes. Também

11. Com efeito, se até essa data as festas tinham lugar, com a excepção referida, na sala de aulas contígua, de dimensões bem mais modestas, não vemos como conseguia tal sala acolher os alunos, familiares e os convidados ao evento, que rondariam sempre uma assistência bastante superior à centena de pessoas. É possível, neste cenário, que a maior parte dos alunos não assistissem directamente à sessão, esperando no exterior ou na sala do primeiro andar o momento de intervir ou de receber os seus prémios.

é de assinalar a exposição de troféus e desenhos (de ornato ou geométricos) dos alunos. A sala era descrita por vezes com “bom gosto, ainda que com simplicidade”, se bem que noutros registos se indique como “artisticamente engalanada”. A narrativa de 1915 é exemplar quanto à decoração da sala e ao espírito de sobriedade que queria transmitir-se para o exterior: “simplesmente adornada com bandeiras de cores nacionais, verdes e quadros de trabalhos escolares executados pelos alunos”.

Figura 2 – Alunos aprovados em exames de instrução secundária em 1910



HEROES DE 1910 – Alunos da Escola do Torne aprovados em instrução secundária em 1910

Reprodução de O Amigo da Infância, 37(5), Maio 1911.

Contígua à sala do evento albergava-se numa outra sala – de 1883 a 1897 a sala de aulas dos rapazes e depois a sala de aula infantil – uma exposição de provas de desenho, caligrafia e trabalhos executados pelos alunos, com indicação do nome e idade. De tais trabalhos, dispostos sobre uma mesa grande ou sobre as carteiras e distribuídos também pelas paredes diz-se quase sempre que

impressionaram positivamente os visitantes, salientando-se entre eles “alguns de merecimento”. Em 1885 destacam-se entre os desenhos com “bastante merecimento” os de Álvaro Ferreira, de 11 anos, com um retrato do rei D. Fernando, de Emília Rosa, com o desenho de um peru, e um outro retrato executado por Rosa de Oliveira.

Em várias notícias explica-se que os trabalhos expostos haviam sido executados pelos alunos nos últimos meses ou semanas antes da Festa, o que traduz uma programação do ano lectivo visando este momento e, naturalmente a criação de um *crescendo* motivacional e de auto-estima que iria desembocar quer no momento dos exames, quer no momento posterior de descompressão festiva e justo reconhecimento público pelos resultados alcançados que era a Festa Escolar, aspecto da psicologia do processo educativo que nos parece de interesse. Aliás, o mérito dos trabalhos exibidos chegou a atrair, pelo menos numa ocasião, o interesse de outros visitantes, já que em 1888 noticia-se que a sala de aulas feminina estava “embandeirada e guarnecida de mapas e quadros instrutivos, notando-se todavia a falta quasi completa de trabalhos e labores, que [...] foram roubados na noite de domingo”. Esta exposição de trabalhos escolares, deveria por vezes ultrapassar o âmbito restrito da Festa, até pelas limitações de espaço já assinaladas, uma vez que a notícia respeitante a 1892 informa que “o edificio foi muito visitado durante o dia”.

Pelas descrições compulsadas, pode aferir-se que a sala principal estava normalmente cheia e que para além das crianças premiadas, seus pais e professores, se poderiam encontrar “muitos cavalheiros, entre os quais alguns membros da junta escolar de Vila Nova de Gaia, da junta paroquial de Mafamude, e do professorado oficial”, sendo os professores de escolas oficiais de Gaia, Vila Nova e do Porto, como do ensino livre, para além dos do Torne e por vezes de outras escolas lusitanas, naturalmente. A presença de “numerosas senhoras” é frequentemente referida. A assistência é usualmente adjectivada como numerosa e selecta, e, nota-se, os cavalheiros ficavam muitas vezes de pé por falta de lugares. “Foi grata a impressão que deixou em todos a festa, em que o júbilo

comunicativo dessas crianças rosadas, cheias de vida, de roupinhas bem cuidadas, alegrava o coração de todos”, comenta-se em 1907. Esta descrição, que se declina de várias formas, parece corresponder a uma outra constante da Festa Escolar: o privilegiar-se este momento como a expressão de uma cultura que se transmitia e cujo corolário era “uma alegria efusiva” enquanto rosto de um sistema pedagógico em que o instruir era caldeado por uma ambiência educativa exemplar.

Habitualmente no dia 25 de Dezembro, entre as 10 horas e as 13 ou 14 horas, desenrolava-se a Festa Escolar, que desde 1883 até 1922 seguia um esquema padronizado, ainda que com algumas variações, que no essencial não colocavam em causa o alinhamento geral. No entanto, refira-se que houve componentes introduzidas ao longo do tempo, evidenciando dinâmicas da sociedade ou mudanças que se operavam na própria escola, mas que todavia nunca abalaram o esquema empírico que se foi instituindo. O desenvolvimento da festa obedecia a um alinhamento geral que obedecia genericamente aos seguintes passos:

1. Abertura; por vezes um hino alusivo à época;
2. Diogo Cassels indicava a composição da Mesa;
3. Discurso inaugural do presidente da mesa;
4. Diogo Cassels procedia à leitura do relatório da escola, lançando de imediato aos alunos um conjunto de questões relacionadas com as matérias escolares;
5. Um grupo de alunos recitava poesias, quer em Português, quer noutras línguas, como o Francês, o Inglês ou até o Latim;
6. Discursavam de seguida, ou recitavam também poesias, os professores da Escola;
7. Distribuição de prémios aos alunos;
8. Discursos de agradecimento pelos alunos;
9. Intervenções da Mesa, outros assistentes, ou do presidente da sessão;

10. No encerramento podiam cantar-se alguns hinos ou cânticos patrióticos;
11. Da Mesa, ou por iniciativa de Cassels, a sessão encerrava muitas vezes com o lançamento de *Vivas*, dirigidos a membros da Mesa, a Diogo Cassels, a El-Rei ou à Rainha, à Pátria, à Câmara de Gaia, à Escola e seus benfeitores, professores, alunos ou à mocidade portuguesa em geral.

O programa era complementado pelo cântico de hinos alusivos à quadra natalícia, antifonas a várias vozes e hinos de carácter patriótico, como o *Hino da Carta* ou *A Portuguesa*, que se generaliza após a República para o encerramento das sessões. Na maioria, o programa era ainda abrilhantado pela actuação de grupos musicais próprios, como a Estudantina, a Troupe Musical do Torne, a Estudantina de Ex-Alunos e a partir de 1920 pelo Orfeão da Escola. Regista-se também a actuação da Troupe Recreio Operário de Mafamude, dirigida por Zeferino Dias da Costa, que era também membro da comunidade, da Liga do Esforço Cristão, regida por João Carlos Dores, do grupo musical dirigido por Joaquim Pinto de Sousa ou da troupe de José Pinto Mourão. A partir de 1914 é assinalada a presença nos festejos do Batalhão Infantil do Torne: “entrou um grupo de alunos conduzindo uma bandeira nacional, em marcha militar, ao som do cornetim tocado por um deles, executando numerosos exercícios ginásticos dirigidos”.

Em 1911 assistiu-se à representação da comédia *O julgamento do maltês* e em 1918 uma outra comédia infantil é levada à cena, não parecendo, pela escassez de exemplos, que o teatro tenha tido particular relevância no conjunto das actividades recreativas para-escolares.

Para finalizar, assinalemos outros momentos particularmente significativos, porque introduzem ou reforçam o papel de alguns protagonistas: a partir de 1912 os ex-alunos passam a discursar de forma mais habitual, em 1915 a Aula Infantil começa a ser uma marca constante no programa das festas, e a partir de 1918 os pais

dos alunos também passam a transmitir, com regularidade, o seu ponto de vista sobre a escola.

Nesta ritualização pública do processo pedagógico, se assim podemos caracterizar estes eventos, para além da decoração da sala, das encenações e, mesmo, dos auditórios sempre cheios e polvilhados de personalidades, três momentos de impõem como demonstração pública do sucesso do projecto pedagógico: (1) a leitura do relatório de actividades escolares, onde sobressaíam os numerosos “distintos”, “óptimos” e outros feitos com que os alunos do Torne surpreendiam os examinadores oficiais; (2) a descarga de questões, sobre geometria, análise lógica, corografia, gramática, aritmética mental, história pátria e sagrada, moral e outras matérias com que, após o relatório, Cassels (e ocasionalmente outros professores) fustigava um conjunto de alunos, suscitando respostas prontas e acertadas que deliciavam a assistência; e naturalmente (3) a entrega dos prémios e distinções, verdadeiro culminar dessa liturgia cívica que empolgava a comunidade escolar no seu sentido mais amplo.

Figura 3: Alunos aprovados em exame de 2º grau em 1910



HEROES DE 1910 – Alunos da Escola do Torne aprovados em exame do 2.º grau em 1910

Reprodução de *O Amigo da Infância*, 37 (5), Maio 1911.

O costume de premiar os alunos em função da sua assiduidade e dos resultados escolares é sinal de uma actividade pedagógica que tinha como meta a excelência e visava moldar a população escolar quer pela integridade de carácter, pelo exemplo evangélico, quer pelas qualidades da disciplina e do trabalho pessoal, por forma a produzir cidadãos modelares e bons trabalhadores em qualquer área de actividade a que viessem a dedicar-se. Por outro lado, não obstante a boa aceitação social de que a Escola sempre gozou, a frequência da “escola protestante” não deixava de estigmatizar os alunos em certos meios, pelo que a exigência e rigor no ensino e o estímulo à obtenção das melhores classificações funcionavam também como estratégia de emancipação e afirmação positiva dos alunos, do que resultava a inversão de sentido da imagem social do origem escolar, transformando a qualidade de aluno do Torne num motivo de orgulho, e por certo elemento curricular de grande valia no momento de concorrer a um lugar na administração, no comércio ou qualquer área laboral mais exigente. Por isso, no discurso com que assinalou a atribuição da Comenda da Ordem de Cristo a Diogo Cassels, em 1922, o vereador da Câmara de Gaia Ramiro Mourão dirigia-se ao venerável ancião observando, provavelmente com pouco exagero:

Não há, nesta terra, nos últimos 30 anos, função útil, de empregado comercial ou de funcionário público, de operário ou de negociante, de oficial do exército e da marinha ou de agricultor, que não tenha a exercê-la alguém que dos lábios de V. Ex.^a. não bebesse as luzes da instrução ou não ouvisse o ensinamento das virtudes morais: alguém que não tivesse sido aluno das suas queridas Escolas do Torne e do Prado... (EL, 520, 10-01-1923)

A primeira referência a prémios escolares surge em 1885, mencionando-se a oferta de diplomas e livros; pouco tempo depois regista-se a atribuição de medalhas de prata, que constituirá um

dos prémios mais recorrentes ao longo de todo o período em que Cassels dirigiu a escola (Quadro II). Para além das medalhas, mais ocasionalmente cunhadas em ouro, há notícia da oferta de relógios de prata, alfinetes e broches em ouro e, mais tardiamente, de prémios monetários.

Impressiona a quantidade destes prémios, sobretudo se analisada ao longo das quatro décadas consideradas. Livros e diplomas constituíam o prémio mais indiferenciado, atribuído pela conclusão do 1º grau da instrução primária, por assiduidade ou bom comportamento ou por qualquer feito mais notório. Em quinze registos anuais contabiliza-se a oferta de mais de 1700 livros, valor que rondará talvez apenas a metade do global, tendo em conta que noutras quinze festas a notícia da oferta de livros não é acompanhada de quantificação. Do mesmo modo, as quatro centenas de diplomas mencionados devem estar muito longe do efectivo total. Os livros oferecidos como prémio são usualmente “livros de leitura”, “escolares” ou “contos históricos”, discriminando-se, em alguns anos, obras como *Os Lusíadas*, o *Livro de Leitura* de João Diniz, as *Chorographias* de Augusto Luso, o *Systema Métrico* de Simões Lopes e várias gramáticas. Ainda que não seja citado, cremos que destas ofertas fariam parte também exemplares encadernados da publicação infanto-juvenil *O Amigo da Infância* (1876-1940), boletim de carácter instrutivo, edificação moral e conteúdo religioso relativamente ligeiro (Afonso e Silva 2008).

As medalhas de prata eram concedidas aos alunos aprovados em exames de instrução secundária ou aprovados com distinção quer em exames de instrução secundária, elementar, complementar ou especial, quer mesmo em exames de instrução primária de 2º grau. Para além das medalhas de prata, personalizadas com o ano do exame e o monograma do aluno e contabilizadas em mais de 700 exemplares (Figura 4), regista-se a atribuição de medalhas de ouro (Quadro II).

Figura 4: Exemplar de medalha de prata, atribuída em 1912 a um aluno aprovado num exame de instrução primária do 2º grau com Distinção



Reprodução de Sardinha (1984)

Estas últimas, bem como outros adereços em ouro, eram geralmente reservadas para alunos que obtinham aprovação no exame para o Magistério, pela realização de exames neste nível de ensino ou pela conclusão do curso que os habilitava à docência. Sobretudo no século XX instituem-se ainda diversos prémios monetários, designados pelo nome do doador ou da personalidade que queriam honrar, como o prémio António da Rocha Romariz (dois prémios anuais de 20\$000 réis), o prémio D. Leopoldina da Conceição, instituído pelo viúvo, Joaquim Pinto da Conceição, antigo professor do Torne (10\$000 réis depositados numa caderneta da Caixa Económica) e outros, estabelecidos ocasionalmente por diversos benfeitores, “um grupo de alunos” e pelo *Grémio Libertas*.¹²

Se os prémios mais correntes, livros e diplomas, eram distribuídos com alguma prodigalidade, talvez mais como estímulo à assiduidade e à obtenção de “objectivos mínimos”, a obtenção de uma ou mais medalhas conferia a cada aluno uma marca

12. Instituição que talvez corresponda a uma sociedade instrutiva e beneficente fundada no Porto em 1887 (Costa 2005, pp. 180, 512).

distintiva que por certo seria motivo de orgulho para o futuro. Do carácter emblemático e profundo desses pequenos dísticos de prata testemunhou com nitidez o médico Artur Ferreira de Macedo, ex-vereador da Câmara de Gaia, quando, ao fazer entrega das medalhas na festa de 1896, lembrou aos premiados as vantagens do estudo sobre a preguiça e o vício, “aconselhando-os a conservar as medalhas até ao fim da sua vida e a nunca as manchar”.

Não podemos aquilatar da intensidade destes eventos, mas certamente a afectividade e a emoção deveriam ser uma componente que jamais alguém olvidaria, e muito menos os laureados. Notemos que alguns dos alunos premiados se tornaram mais tarde professores da escola, o que pode indiciar que o recrutamento de parte do corpo docente passaria por um período, normalmente o da escolaridade, em que a escolha operada por Diogo Cassels é decisiva e comprovada pelo desempenho académico, o que pode explicar que alguns dos laureados, futuros professores, já fossem, à época, monitores na escola.

Estes momentos-chave no espectáculo que era a própria festa, remetem necessariamente para a dimensão que se queria vincar, a qualidade da instituição. O relatório da escola era uma crónica fiel do ano lectivo – e mesmo do empenho de Cassels, da junta paroquial e de muitos outros, nomeadamente os benfeitores, os professores e as autoridades locais, para que o projecto pedagógico ganhasse consistência e perenidade – que se traduzia no sucesso dos alunos que ali eram premiados e, também, pelas respostas prontas e acertadas às questões de Cassels ou outros professores, que os alunos davam como demonstração pública das suas capacidades e empenho no estudo. Este tempo de celebração constituía, assim, uma excepcional marca da cultura escolar transmitida para o exterior, reflectindo todo o trabalho académico enquanto modo de afirmar a excelência, num meio que religiosamente não era favorável, e de justificar que o “progresso, a moral e a educação”, como afirmou Diogo Cassels em 1900, eram o objectivo dos protestantes como

cidadãos portugueses, bem como de todos aqueles que acreditavam na regeneração do País.

As lógicas que confirmam este princípio estão reflectidas, provavelmente, na composição da mesa que presidia à cerimónia e nos discursos que eram proferidos. A observação da sua constituição ao longo das 40 festas analisadas, pode na verdade iluminar um pouco quer as opções de Diogo Cassels acerca da representação social da Escola, quer os sectores da sociedade e do poder que a instituição visava influenciar. O número de elementos da mesa variou entre apenas duas pessoas e o número excepcional de 12 personalidades em 1904. A média de 5,25 pessoas por mesa, traduz com algum rigor o quadro apresentado, parecendo notar-se alguns períodos de mesas mais ou menos numerosas.

Podemos distribuir as personalidades convidadas para a mesa de acordo com uma tripla origem e representatividade (Quadro III). Primeiro, naturalmente, os representantes da Administração e outras entidades mais ou menos oficiais; num segundo plano as personalidades ligadas à instituição anfitriã; por fim, outras de caracterização mais indefinida, profissionais de prestígio, figuras socialmente reconhecidas, muitos deles porventura ex-alunos da Escola.

Figura 5: Aspecto da assistência a uma festa da Escola, c. de 1926

Fonte: Igreja Lusitana/Arquivo Histórico Paroquial do Torne.



No primeiro e mais notável grupo encontram-se os Inspectores do Ensino Escolar com 16 presidências (40%) e 21 presenças nas mesas; os representantes da Câmara Municipal de Gaia assumiram a presidência por 10 vezes e estiveram em 28 mesas, comparecendo o próprio presidente do Município em 1890, 1905 e 1910; por fim, os Administradores do Concelho ocuparam por 9 vezes a presidência, tendo estado em 25 mesas se aos representantes deste órgão somarmos os das Juntas de Paróquia e regedores.

Fora deste selecto círculo de representantes oficiais, só em cinco ocasiões Diogo Cassels entregou a presidência das Festas a

outras individualidades: em 1918 ao Rev. António Ferreira Fiandor, apresentado como alferes da Cruz Vermelha mas já então braço-direito de Cassels na igreja do Torne, e, surpreendentemente, em 1904, 1906, 1909 e 1916 a José Gonçalves da Silva Matos, identificado singelamente como “primeiro orador secular em Vila Nova de Gaia” e que já havia estado na Mesa em 1891, 1894 e 1900.

Republicano, ligado a instituições como o Centro Democrático de Instrução Latino Coelho, em Gaia, Silva Matos (1864-1920) era na verdade conhecido entre os do seu tempo como “a voz de ouro”, em alusão aos seus dotes oratórios. Numa das suas casas terá funcionado uma missão evangélica (e escola, porventura) de André Cassels, irmão de Diogo Cassels e fundador da Escola do Bom Pastor, no lugar do Candal, em Vila Nova de Gaia. Quando em 1900 se lançou a primeira pedra da Escola e Igreja do Prado (com projecto do arquitecto da Câmara de Gaia Marcelino Lucas Júnior, que em 1899 esteve também na Mesa da Festa do Torne), Silva Matos foi uma das individualidades que discursaram, e nesse contexto se terá forjado uma relação de amizade e consideração mútua que terá levado Cassels a convidar Silva Matos para as suas Festas Escolares.¹³

Entre os restantes elementos das Mesas (Quadro III), destacam-se os professores e ex-professores da Escola do Torne ou de outras escolas evangélicas, com 22% de representação, professores de outras escolas oficiais e também de militares, estes com particular peso após o período da Primeira Guerra, para além de industriais e outras individualidades não caracterizadas.

Elemento fundamental da participação das personalidades que Cassels convidava para as mesas das sessões, bem como de outros intervenientes, era, naturalmente, o teor dos discursos proferidos, quer proviessem da própria escola (professores, alunos, ex-alunos e pais), quer de elementos exteriores à instituição.

13. Sobre a figura de Silva Matos e a sua relação com a Igreja Lusitana e Cassels, cfr. Duarte 1994, p. 35, 68 e Monteiro e Duarte 2003, p. 96.

Da conjugação destas duas modalidades resultava que nas intervenções a justificação interior se entrelaçasse com a exterior, originando um intenso ambiente de mútuo louvor e congratulação – que resistiu às mudanças políticas e às transformações, dos normativos que regulavam o sistema de ensino e às recomposições económicas e sociais locais e regionais – onde a matriz do projecto societal surge com nitidez. O carácter modelar da Escola do Torne e o prestígio do seu fundador e director tornavam praticamente redundantes muitos dos discursos, quase não se distinguindo os produzidos por figuras comprometidas com a instituição daqueles que emanavam de personalidades aparentemente isentas e, sobretudo, bem informadas e tecnicamente competentes, como sucedeu com o inspector escolar Simões Lopes na festa de 1897, segundo o relato d’*A Luz do Operário*:

O snr. Simões Lopes fez várias considerações sobre a festa a que presidia e declara que conhecendo, e bem a fundo, todas as escolas primárias do país, não tem dúvida alguma em afirmar, sem receio de desmentido, que a Escola do Torne é a primeira escola portuguesa. Bastariam 50 homens como Diogo Cassels, disse, e tudo mudaria, porque a estatística acusaria muitíssimo menor número de analfabetos. (127, 09-01-1898)

Esta ênfase é, no fundamental, transversal a todos os discursos e as ligeiras diferenças que podem encontrar-se na enunciação jamais elidem o incontornável contributo da Escola do Torne para o progresso da educação popular. Uma retórica de religião civil percorre todas as alocações, e vários tópicos impõem-se como centrais, como a permanente atenção aos exemplos de probidade que da História de Portugal podem retirar-se, tendo sempre em foco as virtudes do carácter, do trabalho e da instrução, como elementos essenciais da civilidade que possibilitariam que os alunos fossem no futuro “os faróis nas tempestades da ignorância e do erro, mostrando aos náufragos o porto da verdade”, para usar a

metáfora de um discurso de 1892, glosada em 1922, por Valentim Rodrigues Barroca, quando falou na festa escolar em nome dos pais dos alunos da Escola do Torne.

As Festas Escolares: representação da cultura escolar?

Desta análise resulta claro o modo como a lenta consolidação pedagógica, didáctica e simbólica da Escola do Torne possibilitou a emergência de um dispositivo, a festa anual, que pretendia constituir o principal reflexo da cultura escolar e que se foi afirmando como uma das marcas identitárias deste espaço de ensino, não só pela dinâmica que se imprimiu a esses eventos, como também pela participação de actores ligados à política local municipal, à inspecção escolar e aos meios industriais e comerciais sediados em Gaia, chegando até a envolver indivíduos ligados à Igreja Católica.

Para este consenso quase absoluto concorria em grande medida a perspectiva de Diogo Cassels – que mais que uma estratégia era convicção e princípio de vida – que possibilitou que evangelização e alfabetização se inspirassem e apoiassem mutuamente sem que a intromissão de uma pusesse em causa a independência da outra. Naturalmente que Cassels almejava abrir os olhos de crianças e adultos à luz da instrução na fundada esperança de que os corações acolhessem depois a outra Luz que liberta e redime, mas da Fé trazia apenas para o Ensino a pedagogia do Evangelho e, sobretudo, o testemunho das vidas renovadas, aliás o seu próprio exemplo.

Não se estranhará, por isso, em quatro décadas de festas, nenhuma menção à capela ali ao lado, nem uma única oração a inaugurar ou a cerrar as sessões. Talvez um ou outro hino, naturalmente, uma poesia mais sensível, um discurso mais recolhido trouxessem ao altar da instrução a ambiência do templo vizinho; mas se assim foi, tal em nada deverá ter importunado os assistentes, por

maior que fosse o seu sentimento católico, concepções agnósticas ou ateístas. Apenas num sumário registo, relativo a 1910, se menciona “a Festa escolar para distribuição de prémios aos alunos aprovados nos exames e com maior frequência à Escola Dominical” (LV, ano 7, nº 12, Dez. 1910), sugerindo, se não há lapso, que a par dos alunos premiados por exames escolares se brindariam também os mais assíduos na Escola Dominical, o que todavia não implicaria inconveniência de maior, tanto mais que a generalidade das crianças que frequentavam a catequese seriam também alunos da escola diária. Em tudo o resto residia em todos a noção clara de que no Torne não havia ensino de “doutrina teológica” mas sim de “moral, caridade, temor a Deus, a obediência, noções de história sagrada e a leitura dos Evangelhos”.¹⁴

Assim, esta manifestação, pelo seu grau de visibilidade, representou uma possibilidade maior da Escola do Torne ganhar protagonismo na comunidade envolvente, quer como escola que se distinguia pela qualidade da formação, quer, por outro lado, como espaço que podia congrega os esforços dos sectores que apostavam no crescimento económico e no progresso. A lista dos “benfeitores” da Escola¹⁵ é exemplar neste aspecto, conseguindo que, desde os empresários até aos serviços todos se revissem num mesmo projecto de modernização e de racionalidade.

A observação do programa das festas, do conteúdo das intervenções e a repetição quase ritual dos elementos fulcrais que atrás enunciámos – relatório, interrogatório aos alunos e distribuição de prémios – podem traduzir, por outro lado, uma imagem de pouca dinâmica, escassa criatividade, para não dizer de quase imobilismo. O que nos permite retomar a hipótese de trabalho: se a festa reflecte com fidelidade a cultura escolar que igualmente ajuda a consolidar.

14. “A Doutrina Cristã é ensinada pelo director duas vezes cada semana aos alunos, cujos pais desejem que os seus filhos aprendam esta disciplina” (Arquivo Histórico Paroquial do Torne/Igreja Lusitana: Donativos para a Escola do Torne e Prado, 1899-1929, manuscrito).

15. *Ibidem*.

Ora, pelas razões já adiantadas, as fontes disponíveis facultam-nos uma narrativa das festas rigorosa no que toca às estatísticas e, por certo, à identificação das autoridades e individualidades presentes; todavia muito pobre e estereotipada quanto ao conteúdo das intervenções mais substantivas. Naturalmente que reconhecemos que Diogo Cassels obteve as qualificações oficiais para a docência com quase 40 anos de idade e era já sexagenário nos começos do século XX, o que humanamente o poderia fazer acomodar mais facilmente à segurança dos modelos instalados e testados com sucesso; por outro lado, como presbítero da Igreja, e de sensibilidade litúrgica particularmente apurada, a continuada repetição dos gestos e procedimentos por todos entendida e assimilada não apresentaria particulares desvantagens, até como contraponto de ordem e estabilidade a um mundo em crescente mudança e permanente ameaça de conflito e ruptura.

Não obstante, as narrativas de que dispusemos não são o único indicador, nem por certo o melhor, do quotidiano escolar. Acreditamos que por muito grande que fosse o apego de Cassels à estabilidade e perpetuação dos modelos iniciais, o evidente sucesso educativo e sempre crescente prestígio social da instituição e do fundador não sobreviveriam se a Escola fosse um barco imobilizado na corrente. A Escola do Torne, com menores ou maiores dificuldades, naturalmente que terá acompanhado o fluir do rio, pelo menos naquilo que era mais premente e não colidia com os seus princípios reitores.

De acordo com Durkheim, n' *As formas elementares da vida religiosa*, qualquer festa é expressiva, porque celebração, por vezes exaltada, de um acontecimento, de um deus ou de um fenómeno. Neste sentido, as festas escolares do Torne foram momentos com um grau de complexidade grande, onde de certo modo se afirmou como que uma luta simbólica, com o fim de preservar, por um lado, a função social da escola e, por extensão, a afirmação de uma sensibilidade, que também, tendo em conta intenções pedagógicas, apostava denodadamente na laicização pelo reconhecimento da

pluralidade de identidades individuais e colectivas que se cruzavam na escola. Com isto visava-se instituir uma sociabilidade que fosse a tónica de um consenso forjado numa fé filosófica que pugnava pela liberdade de consciência e de crença, traduzindo ainda um momento de coesão do grupo enquanto fórmula de propagandear, talvez, uma alternativa de socialização que conjugasse tradição e modernidade.

A festa, em suma, pode ser encarada como um dos tempos de secularização de um modo de apropriação dos significados culturais, o que no caso do Torne se traduz na especificidade com que uma subcultura vinca o seu projecto de socialização, mantendo contudo uma identidade dinâmica que se pretende adaptar ao mundo, transmitindo portanto aos actores o sentido de unidade e perenidade.

Culturalmente, a festa escolar expressa magnificamente o modo como se influencia cada um na definição do seu *eu* (e da sua auto-estima), que pode objectivamente ser encontrado na forma como a escola se apresenta aos outros, como a si mesma. Se esta *visibilidade* pode ser tomada como *identidade* da escola, isto também significa que as concepções sobre o modo de se representar enquanto instituição única implicam processos cognitivos que tendem a operar quadros de referência e grelhas de interpretação sobre as posições ocupadas no mundo social.

As festas são também o momento onde ganha contornos a “afinidade electiva”, que Max Weber caracterizou como sendo o índice de aferição da religião para a constituição de uma civilização e da sua racionalidade. Este conceito, transposto para a escala local e aplicado a um período específico, permite-nos discutir até que ponto poderia a festa escolar do Torne, também, constituir porventura um momento genealógico da constituição de um outro modelo de crescimento económico, social e cultural para a terra de Gaia do último quartel de Oitocentos e inícios do século seguinte.

Certamente que o contributo da Escola do Torne – e das outras escolas protestantes de Vila Nova de Gaia – terá que ser devidamente dimensionado em parâmetros demográficos, mas não

poderá ser olvidada a sua dinâmica de democratização do ensino, que durante décadas abalou a oferta pública de escolarização, disto constituindo expressão clara a forma reverencial com que a acção educativa de Diogo Cassels era tida por todos aqueles que asseveravam a sua gratidão ao empenho denodado do comerciante que, pela fé que o movia, se dedicou abnegadamente à empresa de possibilitar uma outra sociedade.

Referências

Fontes Principais

- Relatórios

Relatório da Igreja Lusitana Católica, Apostólica, Evangélica, 1883 (Lisboa, 1884); 1884 (Lisboa, 1885); 1885 (Lisboa, 1886); 1886 (Lisboa, 1887); 1887 (Lisboa, 1888); 1888 (Lisboa, 1889); 1889 (Lisboa, 1890); 1890 (Lisboa, 1891); 1891 (Lisboa, 1892); 1892 (Lisboa: Adolpho, Modesto & C^a, 1893); 1893 (Lisboa: Adolpho, Modesto & C^a, 1894); 1894 (Lisboa: Barata & Sanches, 1895); 1895-1896 (Lisboa: Typ. de A. G. Barata, 1897)

- Jornais

EL - Igreja Lusitana [Católica, Apostólica e Evangélica na Capela do Torne em Vila Nova de Gaia]. Vila Nova de Gaia: n.º 1 (1894) a n.º 531 (1923)

EVANG - Evangelista (O). Periódico religioso. Lisboa: 1893-1901

LV - Luz e Verdade [A Luz e Verdade, 1905] Revista evangélica mensal [Quinzenário evangélico do Norte, 1911]. Porto: 1902-1922

REF - Reforma (A). Folha Evangélica [Órgão da Verdade Evangélica em Portugal, 1883; Eco da Igreja Lusitana, 1886]. Porto: 1877-1892(?)

Bibliografia

AFONSO, José António (2000). "O projecto de Diogo Cassels: contributo para o estudo da educação popular", in: VEIGA, M. A. e MAGALHÃES, J. (orgs.) *Homenagem ao Prof. Doutor José Ribeiro Dias*. Braga: Univ. Minho (IEP), pp. 309-323.

_____. (2001a). "Iniciativas evangélicas de educação popular: reflexões sobre a Escola do Torne (Vila Nova de Gaia)." *Anales de Historia Contemporânea*, Múrcia, n.º 17, pp. 415-434.

_____. (2001b). "Modos de socialização numa comunidade evangélica. Memórias de uma professora da Escola do Torne", in: RAMOS, L. O. e POLÓNIA, A. (coord.) *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*. Porto: Fac. Letras Univ. Porto, vol. 1, pp. 49-55.

_____. (2004). "A construção de uma escola protestante: o caso da Escola do Torne (Vila Nova de Gaia), 1883-1923", in: GOMES, A. F. (org.) *Escola, culturas e identidades*. Coimbra: Soc. Port. Ciências Educação, vol. 2, pp. 62-65.

_____. (2009). *Protestantismo e Educação. História de um projecto pedagógico alternativo em Portugal na transição*

do séc. XIX. Braga: Univ. do Minho/Instituto de Educação e Psicologia.

AFONSO, José António e LACERDA, Silvestre A. (1995). "Memórias da Escola do Torne", in: SILVA, A. M. e DIAS, J. (coord.) *Actas do Colóquio Vila Nova de Gaia de há 100 anos...* V. N. Gaia: Junta Paroquial S. João Evangelista, pp. 169-223.

_____. (1996). "Esplendor de uma escola. Subsídios para o estudo da Escola do Torne (1894-1923)." *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, V. N. Gaia, n° 42, pp. 27-47.

AFONSO, José António; LACERDA, Silvestre A. e SILVA, António Manuel S. P. (2001). "A população escolar feminina de Sta. Marinha na Escola do Torne na transição do séc. XIX para o séc. XX – Notas exploratórias." 1^{as}. *Jornadas de História Local de Santa Marinha*. V. N. Gaia: Junta Freg. S^{ta}. Marinha, pp. 159-172.

AFONSO, José António e SILVA, António Manuel S. P. (2008). "Momentos da imprensa infanto-juvenil protestante em Portugal: *O Amigo da Infância* (1874-1940) e o *Raio de Sol* (1925-1951) – Aproximações às dinâmicas e ciclos do movimento evangélico", in: CASTILLO GÓMEZ, A. (dir.) e SIERRA BLAS, V. (ed.) *Mis primeros pasos. Alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX)*.

Gijón: Trea, pp. 95-122.

AFONSO, José António; SILVA, António Manuel S. P. e LACERDA, Silvestre A. (2004). "A Escola do Torne (Vila Nova de Gaia): dinâmicas educacionais de uma escola evangélica na transição do séc. XIX para o séc. XX." Comunicação apresentada no 5º Congresso Luso-brasileiro de História da Educação (Évora, 2004). Évora: Univ. Évora.

ASPEY, Albert (1971). *Por este caminho. Origem e progresso do Metodismo em Portugal no Século XIX. Umhas páginas da história da procura da liberdade religiosa*. Porto: Igreja Evang. Metodista em Portugal.

BENCOSTTA, Marcus L. (org.) (2007). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez.

CARDOSO, Manuel P. (1998). *Por Vilas e Cidades. Notas para a história do protestantismo em Portugal*. Lisboa: Seminário Evangélico de Teologia.

Carvalho, Rómulo de (1986). *História do Ensino em Portugal. Desde a fundação da Nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano*. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian.

CASSELLS, Diogo (1906). *A Reforma em Portugal*. A historia resumida já publicada na "Egreja Lusitana" nos annos de 1897 e 1898, revista, augmentada... Porto: Typ. a Vapor de José da Silva Mendonça.

COSTA, Francisco Barbosa da (2005). *Instituições do Distrito do Porto*. Porto: Gov. Civil do Porto.

DUARTE, Júlio (1994). *Apontamentos monográficos de Coimbra*. V. N. Gaia: Autor/Câmara Municipal.

FIGUEIREDO, Joaquim dos Santos (1910). *Factos notaveis da Historia da Egreja Lusitana*. 2ª ed. Porto: Typ. Mendonça. (Biblioteca Antonio Maria Candal, 2ª série, n° 2)

GUICHARD, François (1990). *Le Protestantisme au Portugal*. Arquivos do Centro Cultural Português, Paris, n° 28, pp. 455-482.

MONTEIRO, Isabel e DUARTE, Júlio (2003). *Os patronos das ruas de Coimbra*. V. N. Gaia: Junta Freg. Santa Marinha.

1897	1897-98 [transcreve 5]	nº 49 - Jan. 1898 [transcreve 5]	26.12.1897		26.12.1897		O Evangelista (nº 109 - 01.01.1898) transcreve 3; A Luz do Operário (nº 127 - 09.01.1898)
1898		nº 61 - Jan. 1899 nº 62 - Fev. 1899 [transcreve 5]			07.01.1899		
1899		nº 74 - 1900 [transcreve 3]	26.12.1899				
1900		nº 86 - Fev. 1901 [transcreve 4]		02.01.1901			
1901		nº 98 - 15.01.1902 [transcreve 4]		[?]			
1902		nº 118 - 15.01.1903 [transcreve 4]		08.01.1903			
1903		nº 135 - Jan. 1904 [transcreve 4]		[?]			
1904		nº 152 - 10.01.1905 [transcreve 4]		[?]			
1905		nº 169 - 01.01.1906 [transcreve 4]		[?]			
1906		nº 195 - 14.02.1907 nº 196 - 01.03.1907 [transcreve 4]		02.01.1907			
1907		nº 217 - 15.02.1908 [transcreve 3]	27.12.1907				
1908		nº 238 - 04.02.1909 [transcreve 3]	02.01.1909				
1909		nº 260 - 20.01.1910 [transcreve 4]		02.01.1910			

1910		nº 282 - 20.01.1911 [transcreve 4]		04.01.1911			
1911		nº 303 - 04.01.1912 [transcreve 4]		28.12.1911			
1912		nº 322 - 12.12.1912 nº 323 - 01.01.1913 nº 324 - 15.01.1913 [transcreve 3]	28.12.1912				
1913		nº 342 - 18.01.1914 [transcreve 3]	28.12.1913				
1914		nº 367 - 01.01.1915 nº 368 - 15.01.1915 [transcreve 3]	27.12.1914				
1915		nº 391 - 19.01.1916 nº 392 - 02.02.1916 [transcreve 3 e 4]	26.12.1915	26.12.1915			
1916		nº 414 - 17.01.1917 [transcreve 3]	28.12.1916				
1917		nº 434 - 17.01.1918					
1918		nº 454 - 22.01.1919					
1919		nº 471 - 09.01.1920					
1920		nº 487 - 16.12.1920 nº 488 - 12.01.1921					
1921		nº 507 - 30.01.1922					
1922		nº 522 - 26.02.1923 [transcreve 4]		28.12.1922			

Quadro 2 – Prêmios atribuídos aos alunos da Escola do Torne (1883-1922)

Anos	Prêmios	Diplomas e Livros	Relógio de prata	Medalhas de prata	Diplomas	Livros de instrução encader-nados	Afínete/broche de ouro com monograma	Medalhas de ouro	Prêmio "Antônio da Rocha Romantiz"	Prêmios e certificados	Prêmios "por labores"	Livros oferecidos por Simões Lopes	Prêmio "D. Leopoldina da Conceição"	Meia libra em ouro oferecida pelo "Grêmio Libertas"	40\$00 oferecidos por um grupo de alunos	20\$00 do benemérito Carlos Gomes Ferreira	5\$00 oferecidos por Jorge Guimarães	Sem informação
1883																		X
1884																		X
1885	30																	
1886	x	1																
1887	x		4															
1888			x			x												
1889			x			x												
1890			1				2											
1891			x			x												
1892			19			23		2										
1893			5			x	1	1										
1894			19			27		1										X
1895																		
1896			11	17		x												
1897			17	12		x		3										
1898			26	18		x		1										
1899			24	17		x		1										

1900			24	14		x		1	2										
1901			29	14		x			2										
1902			18	3		x		5	2										
1903																			
1904			x	x		x													X
1905			19	27		x	1		5										
1906			20	32		x			X										
1907			58			106			X		x								
1908			27			105			3										
1909			36			100			7			2	1						
1910			37			64							1						
1911			43			54					x								
1912			29			72													
1913			29			72													
1914											114								
1915			49			121							1	1					
1916			50			200													
1917			46			200													
1918			48										1						
1919			43			180													
1920						200													
1921						100													
1922						200				200									
Totais (*)	30	2	703	426	4	1724	4	15	21	200	114	2	4	1	1	1	1	1	4

x - Presença não quantificada

(*) - Os totais indicados são valores meramente indicativos, dada a presença de diversos registros não quantificados ou descriminados, como em 1907, ano em que não se distinguem os diplomas das medalhas de prata (o somatório considerou 50% para cada item).

Quadro 3 – Membros da Mesa das Sessões

Nome	Profissão/Título	Cargo/Instituição	Presidente	Membro da Mesa
Adozinda Carvalho Matos	Professora	Prof. oficial em V. N. Gaia		1910
Alberto Joaquim Moura	[Militar]	Rep. Batalhão Artilharia 6		1915
Albino Ferreira da Mota	Professor	Prof. da Aula do Comércio (1920)		1918; 1920
Alfredo Ferreira de Castro		Rep. C.M.Gaia [Vereador 1919]		1917; 1919; 1921
Alfredo Henrique da Silva	Professor; Rev.	Prof. Ensino Livre (1898); Lente do Instituto Industrial e Vereador da C.M.Porto (1912)		1898; 1900; 1902; 1912; 1913
Alice da Fonseca Araújo	Professora	Prof. oficial em Mafamude		1914
Almeida Dias	Clínico			1891
Almeida Dias	Escrivão; snr.	Escrivão da 4ª Vara		1899
Álvaro de Carvalho		Presidente da Confraria do Santíssimo Sacramento de Mafamude		1915; 1917; 1918
António Fernandes	Professor	Ensino Primário/Ensino Livre		1898; 1899
António Ferreira de Jesus	Professora	Escola de Santo Ildefonso		1893
António Ferreira Fiandor		Alferes da Cruz Vermelha (1918)	1918	1911; 1914; 1917; 1919
António Machado	Alferes	Rep. do Comandante de Artilharia 6		1920
António Maria Benigno	Capitão			1920
António Narciso de Azevedo Magalhães		Presid. C.M.Gaia [1896-98]; [Vereador: 1887-89; 1890-92; 1899-1901]		1890; 1891
António Pereira de Macedo	[Militar]	Oficial do Exército [ex-aluno Torne]		1904
António Peres	Sargento	Rep. da Cruz Vermelha (1919)		1919
António Ribeiro de Sousa				1895

<i>António Simões Lopes</i>		Inspector Ensino Primário; Insp. Primário da Circ. de Braga, em rep. de Medeiros Botelho, Insp. Primário da Circ. do Porto (1888); Comissário da Inst. Primária do Dist. do Porto/Comissário de Estudos (1892); Ex-Inspector da Inst. Primária (1899)	1884; 1888; 1892; 1895; 1897; 1903	1893; 1899; 1900; 1909
Apolino da Costa Reis	Industrial	Industrial (1906)		1895; 1906; 1907
Armando Coutinho		Vereador C.M.Gaia [1910-11]; Pres. Junta de Paróquia Santa Marinha		1910; 1914; 1915; 1918
Artur de Almeida Moura Coutinho		[Prof. ET; Membro da Junta da Igreja do Torne]		1885; 1888; 1896
Artur Ferreira de Macedo	Médico	Presid. Junta Escolar do Concelho; Vice-presidente e Vereador Pelouro da Instrução C.M.Gaia (1886); [Vereador 1887-89]; Médico (1901)	1883; 1886; 1887; 1890; 1893; 1896; 1898; 1901	
Augusto da Conceição Rocha	Alferes	Alferes de Artilharia 6		1915
Augusto da Costa Pereira				1917
Augusto da Rocha Romariz	Empresário	[Vereador C.M.Gaia: 1893-95]		1883;
Augusto da Rocha Romariz Júnior	Aluno	Escola do Torne		1885
Augusto Moreira de Araújo		Regedor da Freguesia de Mafamude		1912; 1913
Aurélio da Silva Tavares		Insp. Escolas Primárias	1919; 1920	1922
Benjamim [Cândido] Cardoso		C.M.Gaia [Vereador: 1911-13; Presid: 1912-13, 1919]		1911

Bento José da Costa			Inspector e Rep. Inspector da Circunscrição do Porto; Sub-inspector da Inst. Primária do Círculo de Gaia (1905, 1907)	1889; 1891; 1905; 1907	
Bernardino José de Almeida Botelho	Professor		Liceu Central do Porto	1892	
Caetano Pinho da Silva				1891	
Cardoso Botelho	Engenheiro			1900	
Carlos Ferreira				1922	
Carolina Beires	Professora		Ensino Livre (1905); Prof. da Escola do Bom Pastor e ex-aluna (1908)	1905; 1908	
Carolino de Azevedo	Professor		Prof. oficial 2º grau na freg. de Canidelo	1896	
Cipriano Augusto de Sá Machado				1892	
Delfina Fassini	Professora 2º grau		Escola do Bom Pastor	1896	
Diogo de Macedo	[Escultor]			1904	
Diogo Moreira da Silva				1911	
Dionísio Ferreira dos Santos e Silva			Administrador do Concelho	1912; 1913	
Domingos da Rocha Romariz	[Empresário]		[Vereador C.M. Gaia: 1908-10, 1918-19]	1903	
Domingos José Ferreira	Professor		Escola do Torne - sexo masc.	1883; 1884; 1885	
Ernesto A. T. Coutinho			2º Comandante Corpo de Salvação Pública	1921	
Esposa Dr. M[iguel] Calheiros				1904	
Firmino Ferreira	Capitão			1921; 1922	
Francisco da Rocha Romariz			Regedor da Freguesia de Mafamude	1890; 1899	
Francisco de Novais				1897	

Francisco de Sousa Oliveira				1914; 1916	
Francisco dos Santos				1885	
Francisco J. Ferreira Braga			Em substituição de Miguel Calheiros, Administr. do Concelho	1905	
Henrique José Moreira de Sousa	Dr.		Administ. substituto de Gaia por impedimento do sr. Jaime Teixeira da Mota e Silva, presidente da C.M. Gaia (1894); [Vereador C.M. Gaia: 1896-98; 1899-1901]; Administrador do Concelho (1908)	1894; 1908	
J. Tristão Pais de Figueiredo	Coronel		Comandante de Artilharia 6	1919; 1922	
Jaime Lourenço Guedes	Alferes		Comandante da Secção Fiscal de Gaia (1920)	1920	
João Belo Morais			1º Comandante Corpo de Salvação Pública	1921; 1922	
João dos Santos Monteiro				1901	
João Fernandes de Oliveira			Pres. Junta de Paróquia Santa Marinha; Vereador do Pelouro da Inst. da C.M. Gaia (1914); [Vereador 1917-18; Presid.: 1918]	1914	1912; 1913; 1916
João Ferreira Guimarães			Secretário da Administração	1912; 1913	
João Harden			Lente da Univ. de Dublin	1904	
João Rodrigues Sequeira			Liga do Esforço Cristão	1910	
Joaquim Fernandes do Couto				1916	
Joaquim Gonçalves de Almeida				1896	
Joaquim Manso Moutinho	Sargento; Tenente (1922)			1904; 1922	
Joaquim Martins			Prof. Escola do Prado	1910	

Joaquim Pinto da Conceição	Professor	Escola do Torne - sexo masc.; ex-prof. da Escola do Torne (1890)		1883; 1884; 1885; 1886; 1887; 1888; 1890; 1896
José Afonso	Professor	Ensino Livre		1905
José António Simões Raposo		Inspector Ensino Primário na circuncs.	1885	
José Fernandes Couto		Rep. Junta Paróquia Santa Marinha		1917
José Gonçalves da Costa		Sub-inspector Circulo Escolar	1902	
José Gonçalves da Silva Matos		"Primeiro orador secular em V.N.Gaia" [Em 1916 designado por Joaquim, certamente por lapso]	1904; 1906; 1909; 1916	1891; 1894; 1900
José Joaquim [Augusto da Silva] Magalhães		Presidente C.M.Gaia [1905-07, 08-10]		1905
José Soares de Oliveira		Rep. da Vereação Municipal; Rep. C.M. Gaia (1920); [Vereador: 1923-25]		1915; 1920
Leopoldina Rosa	Professora	Aluna/Professora Escola do Torne (1899)		1885; 1888; 1889; 1890
Licínio Catarino Lima		"Ex-aluno da Escola, académico laureado da Universidade de Coimbra durante três anos, e agora [1906] aspirante oficial na Escola Militar em Lisboa onde recebeu o primeiro prémio"		1906
Lindolfo Barbosa	Capitão	Administrador do Concelho	1911	
Lucas	Professor	Prof. oficial em Santa Marinha		1912; 1913
Luis Gonçalves de Oliveira		[Vereador C.M.Gaia: 1918-19]; [Fundador de A Luz do Operário]		1892
Manuel Alves Souto				1894

Manuel da Silva Anes				1892
Manuel de Castro				1909
Manuel-Ferreira de Castro		[Presid. C.M.Gaia 1910-11]; Administrador do Concelho	1917	
Manuel Gonçalves de Sousa				1901
Manuel José da Silva Vieira (Vieira e Silva)	Alferes	Alferes de Artilharia		1905; 1915
Manuel Martins Almeida		Regedor da Freguesia de Mafamude; [Vereador C.M.Gaia: 1923-25]		1919
Manuel Pinto de Azevedo	Professor	Prof. Desenho Escola de Passos Manuel		1904
Manuel Rodrigues dos Santos Costa		[Vereador C.M.Gaia: 1918]; Administrador do Concelho	1921	
Marcelino Lucas [Júnior]	Arquitecto	Arquitecto C.M.Gaia; [Autor do projecto da Escola e Igreja do Prado, 1900]		1899
Margarida Bragante		Filha de J. C. Bragante		1886
Maria Amália da Silva (Duarte)	Professora	Prof. Escola do Torne [ex-aluna Torne]; Ex-aluna e ex-professora da Escola do Torne (1910); "Antiga e distinta aluna, depois durante bastantes anos muito assiduamente professora da Escola do Torne e actualmente [1914] professora oficial de Vale do Vouga"		1904; 1910; 1911; 1912; 1913; 1914
Maria da Conceição Mendes	Professora	Prof. oficial da Madalena [ex-aluna Torne]		1904; 1905; 1907
Maria de Jesus	Professor	Prof. Inst. Primária em Massarelos, Porto		1896
Maria Luísa Ferreira	Professora	Escola do Torne; Prof. oficial S. João da Foz (1904), [ex-aluna Torne]		1892; 1904

Miguel Calheiros	Dr.	Filho e representante de Miguel Calheiros, Administrador de Gaia	1904
Moreira de Sousa		Administrador do Concelho	1900
[António] Narciso de Azevedo Magalhães		Vice-presidente da C.M.Gaia; [Vereador 1899-1901]	1900
[José do] Nascimento Neves	Padre	[Ex-pároco da Lourinhã, dissidente da Igreja Católica]	1917
[Inocêncio] Osório [Lopes] Condím		Presidente C.M.Gaia; [Vereador 1902-04; Presid.: 1910-11]	1910
Pedro Mariani Pinto	Industrial	Vereador C.M.Gaia [1910-11]	1904; 1909; 1910; 1911
Pedro [de] Oliveira		Regedor da Freguesia de Santa Marinha; Rep. do Administr. do Concelho (1919)	1911; 1919
Ramiro [Bastos] Mourão		Rep. C.M.Gaia; Vice-presid. Comissão Executiva da C.M.Gaia (1920); Vereador do Pelouro da Inst. da C.M.Gaia (1922); [Vereador 1919-22]	1922
Rómulo Farne Ribeiro		Administr. substituto de Miguel Calheiros, administr. efectivo de Gaia	1899
Rosa Cândida de Oliveira (Barbosa)	Professora	Escola do Torne; Ex-aluna laureada e ex-professora da Escola (1908)	1892; 1908; 1910; 1911
Santos Silva	Professor		1912; 1913
Silva Porto	Alferes		1897; 1898; 1899; 1900; 1902; 1903
Torcatto Fernandes		Sub-inspector [ausente: enviou carta]	1911
Vidal Oudinot		Inspector Inst. Primária	1915
Zeliterino [Dias] da Costa		Redactor "Luz do Operário"; [Membro Igreja do Torne]	1886; 1897

capítulo 2

A LEITURA E A ESCRITA NO ESPAÇO ESCOLAR NORTE-RIO-GRANDENSE (1910-1940)

Maria Arisnete Câmara de Moraes

Francinaide de Lima Silva

Janaina Silva de Moraes

Karoline Louise Silva da Costa

O motivo desta história

O texto apresenta resultados de pesquisa no âmbito do Projeto *História da Leitura e da Escrita no Rio Grande do Norte: presença de professoras (1910-1940)* / CNPq, desenvolvido no Grupo de Pesquisa História da Educação, Literatura e Gênero/UFRN. O referido projeto objetiva analisar as diferentes maneiras de apropriação da leitura e da escrita nos Grupos Escolares do Rio Grande do Norte das primeiras décadas do século XX (Moraes 2011).

O texto trata sobre a história da alfabetização no Rio Grande do Norte a partir de 1910 até a década de 1940. Justificamos o período em recorte porque a partir da primeira década do século